

José Aguiar

**A**  
in  
fância  
CIA  
**DO BRASIL**



in  
fância  
CIA  
DO BRASIL

Roteiro e Desenho:  
José Aguiar

Cores:  
Joel de Sousa





Copyright ©2017 José Aguiar  
Todos os direitos dessa edição reservados à AVEC Editora.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,  
seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica,  
sem a autorização prévia da editora.

Créditos versão web — [www.a infanciaobrasil.com.br](http://www.a infanciaobrasil.com.br)  
Roteiro, desenhos e direção de Arte: José Aguiar  
Produção: Quadrinhofilha Produções Artísticas  
Coordenação e revisão: Fernando Boukat  
Colaboração: Joel de Souza  
Consultoria e pesquisa histórica: Claudia Regina Boukat Silveira Moreira  
Bolonamento e montagem: Aline G.S. Scheffler  
Projeto gráfico original e web: Editorial Design

Créditos versão impressa:  
Editor: Anni Vecchi  
Diagramação e projeto gráfico: Vitor Coelho  
Revisão: Gabriela Coradas

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A 282 Aguiar, José  
A infância do Brasil / José Aguiar. — Porto Alegre : AVEC, 2017.

ISBN 978-85-67901-92-3

1. Histórias em quadrinhos I. Título

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias em quadrinhos 741.5

Ficha catalográfica elaborada por Ana Lucia Merga — 467/CRB7

1ª edição, 2017  
Impresso no Brasil/ Printed in Brazil

AVEC Editora  
Caixa Postal 7501  
CEP 91043-970 — Porto Alegre — RS  
[contato@aveceditora.com.br](mailto:contato@aveceditora.com.br)  
[www.aveceditora.com.br](http://www.aveceditora.com.br)  
Twitter: @avec\_editora

# Prefácio

Viajar ao passado pela mão das crianças e enxergá-las, além dos clichês, nos dias de hoje: esse é o convite que nos faz José Aguiar em mais uma história em quadrinhos simplesmente espetacular! Um livro em que historiadores e um grande quadrinista fazem ciranda, e as imagens são, ao mesmo tempo, aliadas e uma fronteira desconhecida para as ciências sociais. E por que, leitor? Porque, ainda pouco explorados, os quadrinhos são capazes de provocar emoções, animar uma narrativa, inspirar sentimentos, explicar situações e “fazer a história do Brasil”. E, mais importante, desenhar é contar. E contar é fazer compreender. E para compreender, as técnicas da HQ são fundamentais. Em cada episódio, panoramas, zoom, cenografia dos detalhes, ponto de vista dos personagens e diálogos arrastam o leitor para um enredo fascinante e tão instigante quanto histórico. Aprendemos enquanto nos divertimos!

Historiadores sabem que, desde sempre, a história “se desenha”. Os exemplos são inúmeros: os baixo-relevos comemorando a batalha de Qadesh, entre o Egito de Ramsés II e os hititas; a coluna de Trajano consagrada à vitória de Roma sobre os dácios, habitantes do Norte dos Balcãs; a tapeçaria de Bayeux, datada do século XI, comemorando a conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia; a coluna de bronze de Hildesheim, na catedral de Santa Maria na Saxônia, ilustrando o Novo Testamento; enfim, não faltam “quadrinhos” realizados por anônimos em tempos passados. Atualmente, nada mais banal do que encontrar a vida de heróis, relatos das grandes civilizações ou guerras mundiais em HQ. A potência dramática das imagens, mais eficazes, infelizmente para os historiadores, do que duas páginas de livro, faz pensar na expressão do grande historiador francês Michelet: a história é a “ressurreição do passado”. Sim, os quadrinhos e suas imagens vívidas, falantes, comoventes ou dramáticas são indiscutivelmente pedagógicos!

Tanto mais quanto, como faz José Aguiar, os quadrinhos são baseados em legítima historiografia e retracam temas de sociedade, nos convidando a refletir, a nos conhecer melhor. Longe de convocar “grandes homens” ou “episódios de batalhas”, o quadrinista recupera a história da infância no Brasil, mostrando que, há mais de cinco séculos, crianças brasileiras sofrem os mesmos problemas: violência, pobreza, fome, desigualdade na educação, na saúde e na cidadania. E, por que não, sofrem de desamor. José Aguiar explora com rara sensibilidade e profundo conhecimento o companheirismo entre HQ e história do Brasil. Esse encontro, é importante dizê-lo, está apenas começando. E, mais importante, ele detém um enorme potencial artístico, educativo e comercial. A HQ é a “Nona Arte”, e com ela os historiadores querem muito conversar. A você, leitor, desejo boa leitura e boa viagem nos quadrinhos e no tempo!

*Mary del Priore*

Historiadora e escritora ganhadora do prêmio Jabuti e outras premiações nacionais e internacionais.

*Para minha Violeta,  
cuja infância nasceu  
com este projeto.*



Século XVI

---

Nascer

---

“O dia que o capitão-mor Pedro Álvares Cabral levantou a cruz ( . . . ) era a 3 de maio, quando se celebra a invenção da Santa Cruz em que Cristo Nosso Redentor morreu por nós, e por esta causa pôs nome à terra que havia descoberta de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos anos. Porém, como o demônio com o sinal da cruz perdeu todo o domínio que tinha sobre os homens, receando perder também o muito que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado de cor abrasada e vermelha com que tingem panos, que o daquele divino pau, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da Igreja.”

*Frei Vicente do Salvador, 1627.*



ESTÁ SABENDO,  
FRANCISCO?

SUA HORA ESTÁ CHEGANDO!

COMO ASSIM?



AINDA NESTE MÊS  
APORTA LIMA NALI  
DA CAPITAL!

JÁ NÃO ERA SEM TEMPO! PRECISAMOS MESMO DE BUGIGANGAS  
ANTES QUE OS ÍNDIOS QUEIRAM NOS COMER DE NOVO!  
E VIU QUANTO PAU-BRASIL JÁ TEMOS PARA EMBARCAR?  
DAQUI A POUCO ESTRAGA TUDO NO RELENTO!

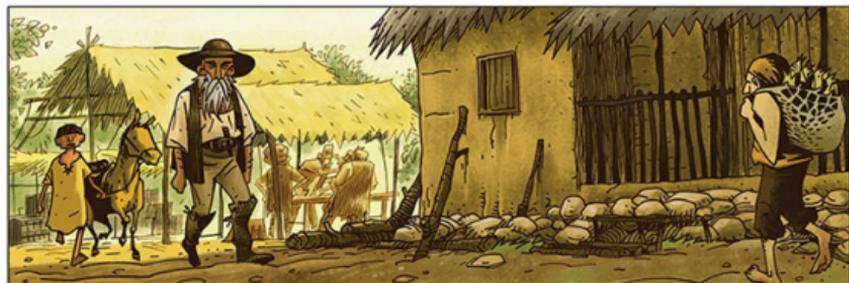
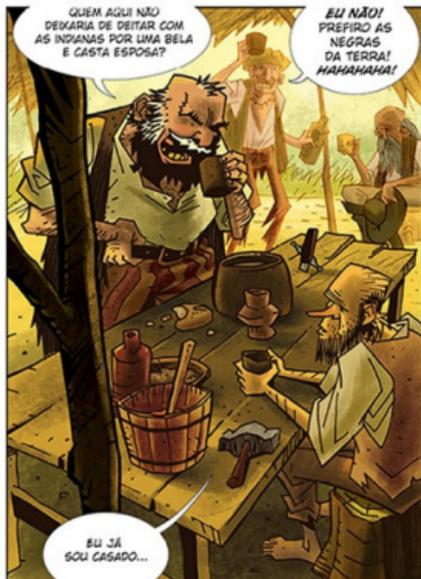
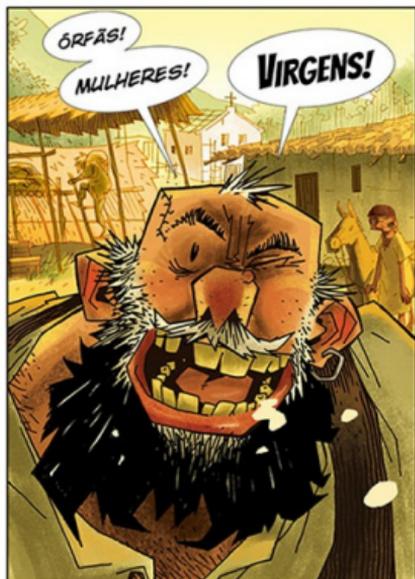


COMO  
VOCÊ É LENTO,  
HOMEM!

O NAVIDO ESTÁ  
CHEGANDO COM O ÚNICO  
TESOURO QUE  
INTERESSA!



DO QUE  
ESTÁ FALANDO?  
DEIXA  
DE ROQUELOS,  
CRIATURA!









FICA RIJA!  
RIJA, MULHER!

NÃO É O  
PRIMEIRO!

NÃO AGUENTO...  
MAIS!

CONTINUE  
VARONIL  
QUE VENCE  
A DOR!



VOU  
PASSAR GORDURA  
PRA AJUDAR A  
PASSAGEM!



MAS  
JÁ NÃO DEU...



...COM  
...AGUCENAT?

SAHH!  
FICA RIJA,  
COMADRE!

CONCENTRA-TE!  
REZA CONOSCO!



NÃO CONFIO NESSAS APARADEIRAS, PADRE!

MAS JÁ TROUXERAM SUAS OUTRAS FILHAS PARA O MUNDO.

POR ISSO MESMO!



MAS NUNCA DEMOROU TANTO...

PREFERIA QUE TUA ESPOSA FOSSE ASSISTIDA POR NEGRAS DA TERRA? MAL A CRIANÇA NASCE, A BANHAM NO RIO.

NÃO SABEM QUE AS SUJIDADES PROTEGEM OS INFANTES DAS DOENÇAS E DO MALI-OLHADO!



**SELVAGENS!**

CONFIA QUE TUA FAMÍLIA ESTÁ EM BOAS MÃOS!

MENINO! VAI LÁ VER O QUE SE PASSA!



NÃO É PAPEL DOS HOMENS...

É DESDE QUANDO AQUELO É HOMEM?



SE FOR SUA VONTADE QUE ELA SE VÁ, ELE TE TRARÁ NOVA ESPOSA.

HAVERÁ OUTRA PARA TI SE A DESGRACA SE ABATER SOBRE SUA CASA!

TAMBÉM PARA OS QUE AINDA ESTÃO PERDIDOS NAS TENTACÕES DESTA TERRA QUE PENSA VIVER SEM LEI.



PREFERO ME AGARRAR NA MINHA FE! GOSTO DA MINHA MULHER!

É OBEDEIENTE E FALA POLÍCIO! JÁ ME DELI FILHAS FORTES.



É MINHA MULHER QUE GRITA! PRECISO FAZER ALGO!

CONFIA EM NOSSO SENHOR, CRISTÃO!



NÃO VAI FALHAR COMIGO!















Século XVII

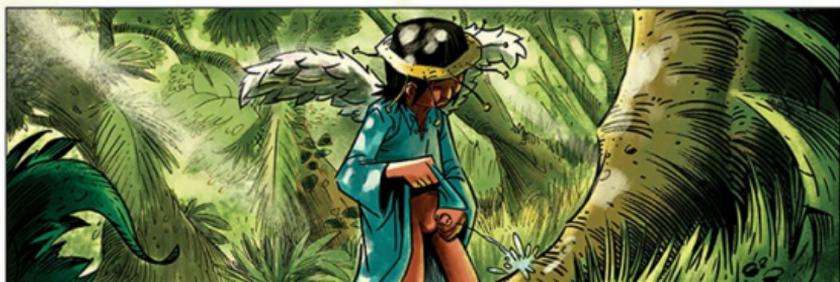
---

Trocar

---

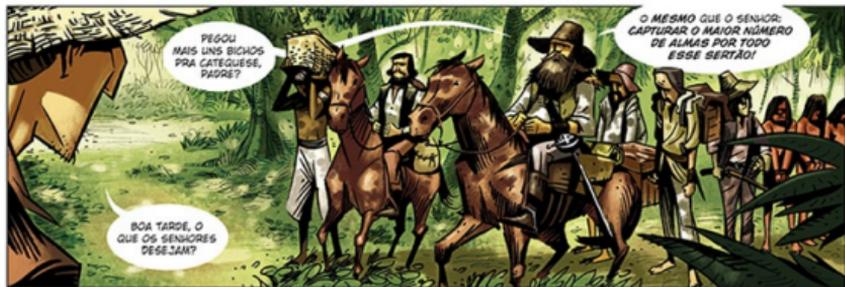
“Convidamos os meninos a ler e escrever e conjuntamente lhes ensinamos a doutrina cristã (. . .), porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser cristãos como nós outros. Mas somente o impede o muito que custa tirar-lhe os maus costumes deles, e nisso está hoje toda a fadiga nossa.”

*Padre Manuel da Nóbrega, 1549*

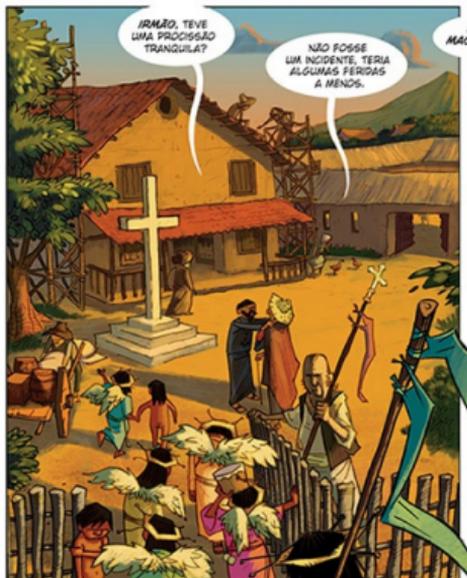












IRMÃO, TEVE UMA PROCESSÃO TRANQUILA?

NÃO FOSSE UM INOCENTE, TERIA ALGUMAS FERIDAS A MENOS.

ESTÁ MACHUCADO?

ÉS NO ORÇULHO, CRIANÇAS COM PAULHISTAS NA VOLTA!

ELÉS ESTÃO FICANDO CADA VEZ MAIS ATREVIDOS! QUERIAM ME LEVAR OS PEQUENOS...

POIS O TRABALHO DOS QUE ANDA RONDAM PELA REGIÃO NÃO ESTÁ MAIS TÃO FÁCIL. OS BRABOS TÊM SE ENFURADO CADA VEZ MAIS FUNDO NO SERTÃO! E OS QUE FICARAM...

EU SEI! POR ISSO PRECISAMOS APRESSAR A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO.

ELÉS PRECISAM VOLTAR A SE FIKAR! ANTES A PROCESSÃO DOS ANJOS ATRAIÁ MAIS GENTIOS.



HOJE PRATICAMENTE SÓ OS DESENHANDOS SE APROXIMAM DE NÓS... HÁ UMA EPIDEMIA ALÉM DA CURVA DO RIO.

OS ADULTOS NOS DEIXARAM OS TRÊS MAIS FORTES NA ESPERANÇA DE QUE ESCAPEM.

E O MENOR JÁ TEM SINTOMAS...



POR FAVOR, DE LIMA CANSA E UM COBERTOR PARA ELE. IREI VÊ-LO MAIS TARDE!

SIM, SENHOR!



FICA TRANQUILO! OS QUE SOBREVIVEREM VÃO APRENDER A CATEQUESE E DEPOIS ENSEJAR AOS PAIS O MODO CRISTÃO DE VIVER.

SE HOUVER PAIS, EU ESTIVE LÁ E VI. ELÉS GABM COMO MOSCAS DE TOSSE, FEBRE E DIARREIA.

SEI QUE AQUI NÃO É TÃO DIFERENTE, A LINDADE NÃO TEM FEITO BEM AOS PEQUENOS QUE ABRIGAMOS.



MAS TEMOS MAIS CONDIÇÕES DE TENTAR SALVAR CORPO E ALMA DAS CRIANÇAS!

COMECEMOS PELOS ESTOMAGOS, ENTÃO!

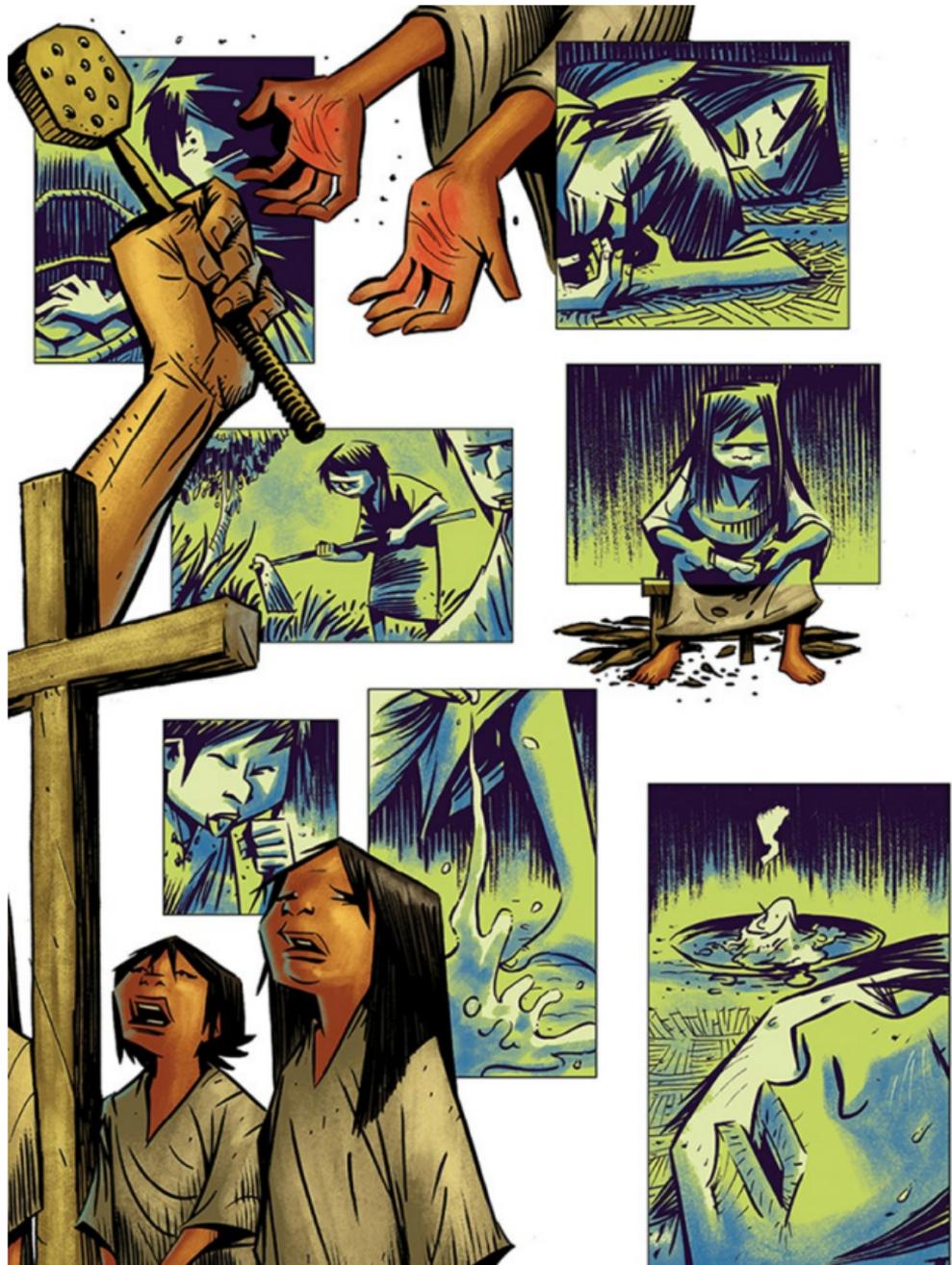


AQUI, CRIANÇAS, VOCÊS PRECISAM COMER E BEBER. A VIAGEM FOI DURA!

ESTA É A SUA CASA AGORA! BEM-VINDOS À 'CASA DE MENINOS'.









CONFESSEI QUE  
EU ACREDITAVA QUE  
O PEQUENO JOAQUIM  
SERIA O ANJINHO  
A PARTIR...



MAS FOI A  
VONTADE DE DEUS  
LEVAR LOGO GABRIEL,  
QUE PARECEM TÃO  
SAUDÁVEL...

NÃO SE FRUSTRE...  
O SENHOR SABE  
O QUE FAZ.



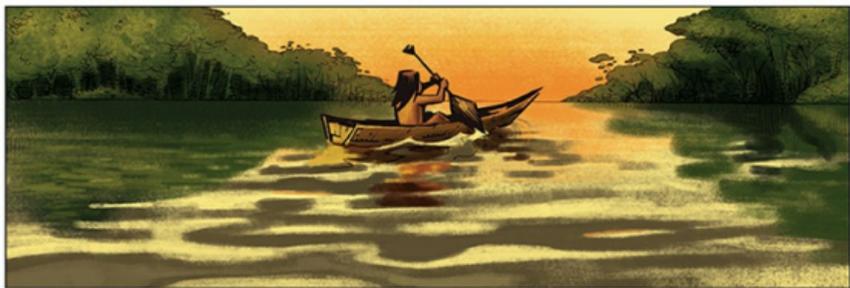
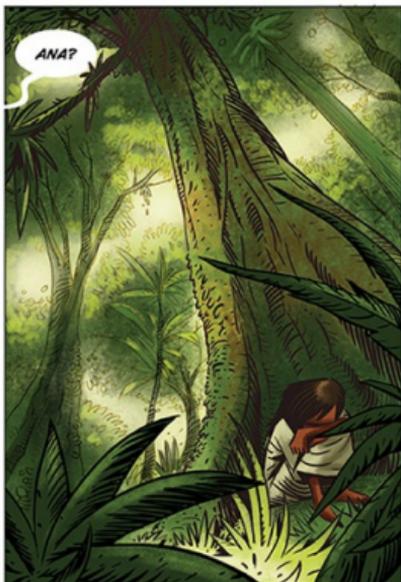
SU DEL  
SU DEL  
MAS  
PREGHAMOS  
TANTO DE CRIANÇAS  
BOAS NESTA TERRA  
SELVAGEM...



ANAN?

ALGUÉM  
VIU ONDE ELA  
ESTA?

ALGUÉM  
VIU ANAN?







Século XVIII

---

Delegar

---

“( . . ) rogo à Vossa Mercê queira ter a bondade de mandar criar este menino com todo o cuidado e amor ( . . ); é este menino filho de Pais Nobres e Vossa Mercê fará a honra de lhe criar em casa que não seja muito pobre e que tem escravas que costumam criar essas crianças ( . . )”.

*Bilhete deixado junto a uma criança enjeitada, 1760*













É SEGURO?



CLARO!  
CONFIAR EM  
MIM!



O DONO  
DISSE COME  
DE MIM. JÁ  
ME AJUDOU  
ANTES...



NÃO  
BASTASSE  
ASALTAR  
MINHA  
DESPENSA...

... AINDA  
TRAZ MAIS  
UMA BOCA!

AI, QUE  
AZARI!



A SENHORA NOS  
PERDEU, SENHA...  
NÓS SO...

SABIA QUE  
IA VOLTAR,  
GABRIEL!



VOCÊ  
SEMPRE  
VOLTA!

MAS DEMOROU TANTO  
DESSA VEZ QUE PENSEI  
QUE TINHA ACHADO  
SEU RUMO.

BENÇA,  
DONA ANA!  
COMO ESTÃO OS  
PEQUENOS?

ELA SABE  
TEU NOME?



NÃO TE  
SEGURAM. SÃO  
DISCIPLINADOS!  
TRABALHADORES!

DÃO  
LUCRO!

DIFERENTE  
DE VOCÊ, QUE  
SÓ ME TROUZE  
PREOCUPAÇÃO  
E DESPESA!

MENTIRA!  
EU SEI COMO  
AS COISAS  
SÃO!

NÃO FOI  
POR BONDADE  
NÃO QUE ME DEU  
UM CANTO!



QUERIA É  
O DINHEIRO QUE  
DÃO PRA QUEM  
"GUARDA" DOS  
EXPOSTOS  
COMO EU!

ESTOU  
FAZENDO  
VELHA.

NÃO DOU  
MAIS PARA  
TRABALHO  
PEGADO!

E NÃO  
SOU BOBA!



PRECISO DE  
UM SUSTENTO E  
VOCÊS DE TETO  
E ALIMENTO.

SE A  
CÂMARA  
ME DÁ,  
ACOLHO!

TODOS  
GANHAM!



ROGANDO  
NO SOL TODO  
SANTO DIA?

VOCÊ NEM  
NOS DAVA  
DE COMER  
DIREITO!

NÃO FOSSE  
SEU RAFAEL,  
NÓS...

NÃO OUSE  
FALAR O SANTO  
NOME DELE!

POR QUÊ?



NÃO SOUBE?  
NÃO TEM NINGUÉM  
MAIS PARA LHE  
DAR COMIDA  
ESCONDIDO.

FOI LEVADO  
PELO SENHOR NO  
MÊS PASSADO.

AGORA SOU  
SÓ EU E OS  
PEQUENOS...



QUE DEUS  
O TENHA, MAS  
ELE ERROU EM  
LHE ACORBERTAR  
DEPOIS DE  
TUDO O QUE  
APRONTOU!

SABE O  
PREJUÍZO  
QUE NOS DEU  
QUANDO  
FUGIU?



DEVIA É  
LHE DAR UMA  
COÇA, SEU...



CORRE,  
GABRIEL!



MOLEQUE  
DANADO!



VAI!

VOLTA PRA  
RUA QUE É TEU  
LUGAR!

VAI VIVER DE  
LIXO NO MEIO DOS  
PORCOS E CÃES  
QUE É O QUE  
MERECE!

INGRATO!





ENTÃO SUA  
MÃE O DEIXOU NA  
RODA DOS EXPOSTOS  
E NUNCA MAIS  
VOLTOU PARA  
BUSCAR?

ELA TE GARANTIU  
O BATISMO, SALVOU  
SUA ALMA!



MAS NÃO  
SUA VIDA...



NÃO  
IMPORTA  
SE ELA ERA  
POBRE OU  
RICA.

VOCÊ É  
MESTIÇO!



FILHOS DE  
MÃES SOLTEIRAS  
E ESPÓRIOS SÃO  
LARGADOS NO  
MUNDO, GABRIEL!

ACHA QUE  
NÃO, MAS TEVE  
SORTE!



VOCÊ TEM  
SORTE QUE NÃO  
FOI ABANDONADO  
...



... PRA MORRER  
RECÉM-NASCIDO  
NUMA SARJETA...



... NO  
LIXO!



SERVINDO  
DE COMIDA  
DE BICHO!



**PASSA!**





Século XIX

---

Reter

---

*“Depois que os últimos escravos houverem sido arrancados ao Poder sinistro que representa para a raça negra a maldição da cor, será ainda preciso desbastar, por meio de uma educação viril e séria, a lenta estratificação de trezentos anos de cativoiro, isto é, de despotismo, superstição e ignorância.”*

*Joaquim Nabuco, “O abolicionismo”, 1883*









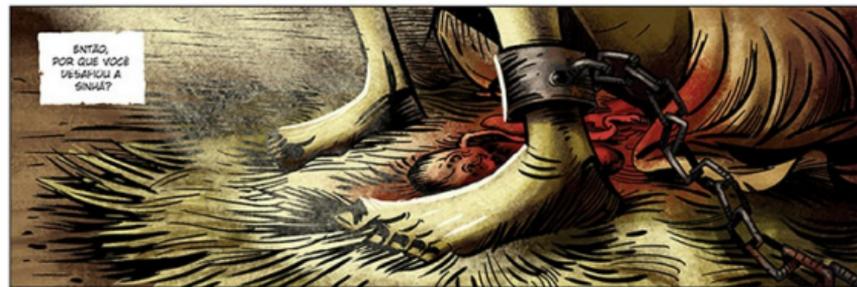
















MEU FILHO  
NASCEU  
PRESO!

PRESO AQUI  
COMIGO!

EU MORAVA NA RUA  
E ERA VICIADA. ESTAVA  
GRÁVIDA E COMI FOME.  
ME CHAMARAM PARA  
PARTICIPAR DE UM ASSALTO.  
PEQUEI 5 ANOS DE CADERA.



PASSEI OS DOIS MESES TOMANDO  
BANHO DELÍCIDO. QUANDO A BOMBA  
ESTOUROU, FIQUEI HORAS SOZINHA  
ATÉ CHEGAR O CAMBURÃO QUE  
ME LEVOU PRO HOSPITAL.

NÃO DAVA PARA ESCOVAR O DENTE, NEM  
LAVAR O CABELO. SÓ ME DERAM UM  
PEDAÇO DE SABÃO, UMA CALÇINHA  
DESCARTÁVEL E UM AVENTAL DIFÍCIL-  
ABERTOS, POR NÃO FICAR BELAZO NA  
FRENTE DOS POLÍCIAIS QUE ME VISAVAM.

DEI À LUZ ALBEMADA, SEM  
PODER ME MEXER. TRATADA  
PIOR QUE BICHO PELO MÉDICO.  
PASSEI DIAS FECHADA COM  
MEU BEBÊ EM UM QUARTINHO.



FOI SUAVI, MAS CONSEGUI  
FICAR COM GABRIEL JUNTO  
DE MIM. MAS ELE SÓ PODE FICAR  
COMIGO ATÉ TER SETE ANOS.

DÁI, COMO NÃO TENHO  
FAMÍLIA, VÃO MANDÁ-LO  
PARA UM ABRIGO.  
DEPOIS, NÃO SEI...

TENHO  
MEDO DE  
PENSAR...



TALVEZ  
TUDO O QUE  
ME RESTE  
DELE SEJAM  
AS FOTOS...



Século XX

---

Responsabilizar

---

*“( . . ) O trabalho enobrece e seduz,  
Faz noss’alma pairar nas alturas,  
Quem trabalha semeia em terreno,  
Que nos dá fortes messes maduras!  
O trabalho é dever que se impõe,  
Tanto ao rico que a sorte bafeja,  
Como ao pobre que luta sem trégua,  
Na mais dura e exaustiva peleja! ( . . )”*

*José Rangel e Duque Bicalho, Trecho de  
“Canção do trabalho”, 1932*









VIU ESSAS NOVAS LEIS TRABALHISTAS QUE ESTÃO DISCUTINDO?

O GOVERNO FICOU LOUCO COM ESSE PATERNALISMO POPULISTA!

NÃO ENTENDEM QUE OFERECENDO EMPREGO EU DOU OPORTUNIDADE DE TIRAR AS CRIANÇAS DA MARGINALIDADE?

MELHOR TRABALHANDO DO QUE LARGADOS NA RUA, BEBENDO, FAZENDO ARRUAÇA E ROUBANDO OS CIDADÃOS DE BEM!



ACREDITA QUE ELÉS DIZEM QUE A RESTRIÇÃO DE IDADE É PARA ACABAR COM OS ACIDENTES NAS FÁBRICAS?

NÃO ESQUEÇA QUE ESTE ANO TIVEMOS ALGUNS "INCIDENTES" FEITOS POR AQUI...

QUEM LIGA PARA UNS DEPOS CORTADOS? SE NÃO FAZEM O SERVIÇO COM ATENÇÃO E LOGO QUE VAI DAR ACIDENTE!

TEM GENTE OFERECENDO COISA MUITO PIOR POR AÍ!

ALÉM DO MAIS, QUEM VAI CATAR AS SOBRAS E DESEMPERRAR AS MÁQUINAS, SE NÃO TIVER MOS PEGUENAS?

TEM CANTOS NO MAQUINÁRIO FAZ QUE NEM O MELU MINONHO PASSA!



SE AGORA ME PROIBIREM DE CONTRATAR MOLEQUES COM MENOS DE 14, VOU CONTRATAR QUEM PARA O LUGAR DELES?





VOCÊ SABE QUE MEU CORAÇÃO NÃO É DE PEDRA E FICA AI ME CUTUCANDO!

PODEBAMOS FAZER VISTA GROSSA PARA MAIS ALGUINS...



... MAS NADA QUE CHAME MUITO A ATENÇÃO DAS AUTORIDADES ...

... SENÃO FECHAM AS NOSSAS PORTAS ALEGANDO QUE SOMOS UMA COMUNIDADE FASCISTA.



BU SEL NÃO ESTÃO VENDO COM BONS OLHOS ALCOMERACOS DE PETRANSFERIA.

FAZ UM TEMPO QUE ESTÃO DE MARGAÇO COM GRUPOS FALANDO OUTRA LÍNGUA QUE NÃO O PORTUGUÊS.

JA OUVI RELATOS DE BRIGAS E "ISOLAMENTO" DE INGRANTES DOS PAISES DO "EIKO".

ENTÃO CUIDADO QUE AS PAREDES TEM OUVIDOS!



AH, NÃO TEM PROBLEMA! ANA É DE CONFIANÇA. NÓS É QUE ESTAMOS ATRAPALHANDO A FAXINA DELA.

COMO ANDA SEU BAMBINO, ANA?

MELHOR, PATRÃO!

QUE BOM.



DEPOIS QUE LIMPAR O CHÃO, PODE TIRAR O PÓ DA MINHA ESCRIVANINHA E EMPILHAR A PAPELADA, SIM?

SIM, SENHOR.



TEMPOS DIFÍCEIS, MEU CARO! TEMOS QUE FICAR DE OLHOS E OUVIDOS BEM ABERTOS!

MAS TAMBÉM TEMPO DE OPORTUNIDADES INIGUALÁVEIS NOS NEGÓCIOS!











COMO ASSIM  
PERDEU,  
HOMEM?

SEI LÁ!  
JÁ REVIREI  
TUDO!

ERA A ESTREIA  
MUNDIAL, PAI!  
ANTES ATÉ DOS  
ESTADOS UNIDOS!



TODO MUNDO  
QUE É  
IMPORTANTE  
VAI ESTAR  
LÁ, ANGELO!



É SEMPRE ASSIM!  
VOCÊ NÃO TEM  
CULTURA! NEM  
SE IMPORTA  
COM A GENTE!



AH, EU  
NEM GUERIA  
MESMO IR VER  
ESSE LIXO!





Século XXI

---

Perpetuar

---

Saiba

*Todo mundo foi neném*

*Einstein, Freud e Platão também*

*Hítler, Bush e Sadam Hussein*

*Quem tem grana e quem não tem*

Saiba

*Todo mundo teve infância*

*Maomé já foi criança*

*Arquimedes, Buda, Galileu*

*e também você e eu (. . .).*

*Arnaldo Antunes, "Saiba", 2004*









... BEBÊ FOI ENCONTRADO NUMA SACOLA PELO PORTEIRO DE UM CONDOMÍNIO DE CLASSE ALTA DA CAPITAL, QUE SE PRONTIFICOU A ADOPTAR A CRIANÇA.

A MÃE FOI IDENTIFICADA PELAS CÂMERAS DE SEGURANÇA E FOI DETIDA PELA POLÍCIA. TRATA-SE DE UMA EMPREGADA DOMÉSTICA, QUE MIGROU DO INTERIOR PARA MORAR NO EMPREGO.

DURANTE OS 09 MESES DE GESTAÇÃO ESCONDEU A GRAVIDEZ DOS PATRÕES.

SOZINHA, NA DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA, FEZ O PARTO SEM CHAMAR A ATENÇÃO.

DEPOIS DE AMAMENTAR O BEBÊ, COLOCOU-O NUMA SACOLA E LEVOU PARA A ENTRADA DE OUTRO PRÉDIO NAS PROXIMIDADES.



EM DEPOIMENTO ELA CONTOU AOS POLÍCIAS QUE FICOU ESCONDIDA, ESPERANDO ATÉ ALGUÉM ENCONTRAR A CRIANÇA E QUE DECIDIU SE DESFAZER DO RECÉM-NASCIDO POR TER MEDO DE PERDER O EMPREGO, POIS JÁ É MÃE DE OUTRA CRIANÇA E NÃO TERIA CONDIÇÕES DE CRIAR MAIS UMA SE FICASSE DESEMPREGADA.



SEGUNDO ELA, O PAI DO BEBÊ TAMBÉM NÃO FOI INFORMADO DA GRAVIDEZ, FRUTO DE UMA BREVE AVENTURA AMOROSA.

MANIFESTANTES DIANTE DA DELEGACIA EXIGIAM SABER O NOME DA MÃE AOS Gritos DE PALAVRAS DE BAIXO CALÃO E MUITAS OFENSAS.

TEMENDO UM POSSÍVEL LINCHAMENTO, OS POLÍCIAS A MANTÊM NUMA CELA, ISOLADA DE OUTROS DETENTOS. SE CONDENADA, A EMPREGADA PODE FICAR ATÉ TRÊS ANOS DE PRISÃO POR ABANDONO DE INCAPAZ.



AI, GABRIEL, TIRA DISSO! NÃO ME FAZ BEM ESCUTAR ESSAS COISAS!

DAQUI A POUCO ACABA, ANJO! HOJE TEM FUTEBOL E JÁ ESTÁ QUASE NA HORA!

SEU GILBERTO, O PORTEIRO HERÓI QUE ENCONTROU O BEBÊ, RELEMBRA O OCORRIDO: OLHA, MINHA FILHA, QUANDO SENTI O PESO NA SACOLA ATÉ DEU UM PULO NA ESPINHAL! NA HORA EU TIVE...

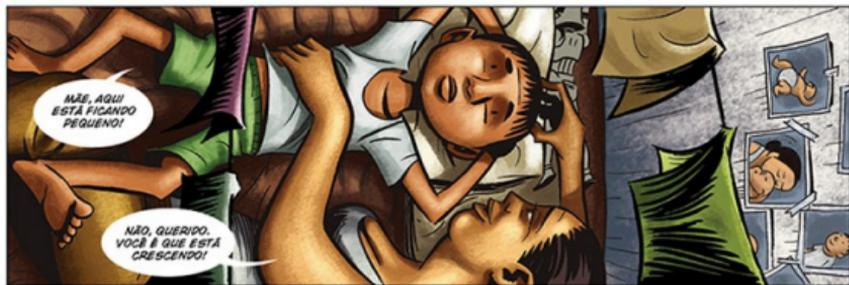
















# Contexto Histórico

---

Entender o contexto do Brasil em cada século de sua história foi imprescindível para que o autor pudesse ter uma visão mais próxima do que era cada época por ele reimaginada em sua narrativa. Para a realização desta HQ ele contou com a consultoria da historiadora Claudia Regina B. Moreira que escreveu uma série de artigos direcionados pelos conteúdos abordados em cada episódio de A Infância do Brasil. Eles foram aqui reunidos para também situar o leitor nos diferentes mundos vividos pelos personagens na HQ.

Claudia Regina Baukat Silveira Moreira é licenciada, bacharel, mestre em História e doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professora da Universidade Positivo.

## Século XVI: O nascimento do Brasil



**P**araíso ou inferno? Esta tensão é a marca da ocupação europeia sobre as terras da América, particularmente a Terra brasilis. Junto a relatos de “que se plantando tudo dá”, ou de que a nudez dos índios seria a prova cabal de que se encontrara o Eden perdido, havia também a condenação moral de práticas tradicionais, sobretudo a antropofagia. O debate perpassou todo o século XVI, opondo nomes como Bartolomé de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda. O primeiro, um dominicano que viveu entre os nativos da América Central e defendia a autonomia dos povos no Novo Mundo; o segundo, um teólogo que defendia o direito do Império Espanhol de escravizá-los. Saiu vitoriosa a tese da supremacia europeia, que alavancou a colonização, esta sim um verdadeiro inferno para muitos.

A Europa começava a deixar para trás a Idade Média, mas o novo ainda não havia nascido plenamente. A Reforma Protestante balançou as estruturas do poder e a reação Católica foi a de seguir os passos dos aventureiros que buscavam novos mercados para o nascente capitalismo mercantil.

Então, do lado dos recém-constituídos Estados Nacionais Modernos, havia a necessidade de encontrar terras para explorar metais e pedras preciosas (e também outras riquezas em potencial) e de expandir territórios.

Nossa colonização foi masculina: exploradores, mercadores, jesuítas. Não havia um projeto colonizador no sentido de constituir, por estas bandas, algo que se assemelhasse a uma civilização. O pacto colonial impôs um regime que proibiu a instalação de indústria manufatureira, situação que se manteve durante todo o período colonial até 1808, quando da chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro. Além dos exploradores e mercadores, que chegavam com o objetivo claro de enriquecer, havia os degradados que haviam comutado suas penas por uma viagem arriscada, em que a sombra da morte estava à espreita. Também vinham colonizadores de outras nações, tais como franceses e holandeses, que tentaram usurpar as terras consideradas possessões lusitanas.

Exemplo disso é a história do marinheiro alemão Hans Staden, que esteve no Brasil por duas vezes durante o século XVI. O filme “Hans Staden” (Brasil/Portugal, 1999. Direção Luiz Alberto Pereira) retrata essa história.

Da parte da Santa Sé, fazia-se premente vencer a disputa com os protestantes. Era uma verdadeira guerra em nome da fé. Nada melhor do que uma organização religiosa de inspiração militar: a Companhia de Jesus.

Se de um lado, no caso da ocupação da América Portu-

guesa, o Estado foi letárgico em sua ação, os jesuítas foram extremamente eficientes em sua estratégia. Fundaram vilas e escolas, sempre com o propósito de converter o maior número de almas para a chamada “verdadeira fé”. Cuidaram das almas e da vida de colonos e autóctones. Zelavam pela conduta moral de todos, condenando o concubinato entre portugueses e índias, promovendo casamentos entre os primeiros e as chamadas “órfãs del rey”, geralmente meninas abandonadas à própria sorte, importadas para satisfazer o apetite dos colonos e conter a mestiçagem. Elas eram vigiadas e intensivamente protegidas durante a travessia do oceano, porque deveriam se manter virgens até o casamento.

Tão improvável quanto conseguir reprimir o desejo e a mestiçagem era aprisionar os costumes aos cânones religiosos. Assim, além dos desafios impostos aqueles que queriam converter os negros da terra, havia a existência de um catolicismo popular, que ignorava o cânone. Nele, o religioso e o mágico se fundiam, abrindo espaço para toda sorte de rituais e mandingas. O nascimento era um desses momentos-chave, em que a proteção do além era requerida. Era necessária a proteção contra o mal. O diabo estava sempre à espreita.

As crianças filhas de colonos – fossem elas mestiças, fossem elas filhas de ambos os pais portugueses – nasciam envoltas em toda uma ritualização do nascimento. O bebê recém-nascido, se de família branca, era imediatamente banhado em vinho ou cachaça, limpo com manteiga ou óleo e então firmemente enfaixado. No umbigo era aplicado óleo de ricino. As sujidades eram consideradas remédios potentes contra o mau-olhado. Da mesma forma o cordão umbilical e as unhas eram enterrados no quintal, para evitar que fossem usados em feitiços.

Era um alívio quando mãe e bebê sobreviviam ao parto. O início da vida era assombrado pelo espectro da morte. A baixa expectativa de vida ao nascer – 50% das crianças morriam antes dos sete anos – condicionava as pessoas ao desapego. A criança era uma potência, não um ser. À infância era uma transitoriedade, à qual era necessário sobreviver. Aos adultos – sobretudo as mulheres e aos religiosos – cabia cuidar desse transatório. Contudo, era necessário sempre estar preparado, a mortalidade era alta. As mulheres contavam o número de filhos entre os vivos e os mortos: “quatro machos, duas fêmeas e três anjinhos”. Crianças iguadas às coisas, talvez uma estratégia para minimizar o sofrimento.

Este é o ambiente no qual se passa o primeiro capítulo deste livro. Um momento de choque entre civilizações e visões de mundo. Mas também o momento, mesmo que questionável e simbólico, de nascimento da nossa nação.

## Século XVII: a Escola

Um Novo Mundo, um Império a ser construído. Este era o desafio dos portugueses que, por meio do Tratado de Tordesilhas (1494), passaram a possuir boa parte das terras localizadas no extremo ocidente. Diante da confirmação de que haviam territórios a serem ocupados, a estratégia de Lisboa foi adotar um regime já utilizado em outras colônias, como a Ilha da Madeira. Era o sistema de Capitânicas Hereditárias, no qual o rei outorga parte do território, geralmente a alguém da pequena nobreza. A responsabilidade pela ocupação e as custas deixavam de ser do Estado, passando para um ente privado. Assim, a partir de 1532, a América Portuguesa foi dividida entre vários capitães donatários. Alguns chegaram a se instalar em suas terras. Outros jamais realizaram um investimento sequer.

Quando essa experiência mostrou-se limitada como estratégia para ocupar as terras da colônia portuguesa no Novo Mundo, a Coroa decidiu implementar o chamado Governo Geral. Sem extinguir as Capitânicas (as que deram certo permaneceram sob a administração de seu capitão donatário e as que não prosperaram foram transformadas em Capitânicas Régias), o governador geral deveria garantir a recolha dos impostos e, sobretudo, administrar a colônia para garantir o projeto de colonização. Este projeto significava converter os nativos ao cristianismo. Foi por isso que, junto com o primeiro governador geral, Tomé de Souza, desembarcaram, em 1548, os primeiros jesuítas. Eles possuíam um projeto que pode ser chamado de civilizatório: disseminar o Evangelho, chamado de "a verdadeira fé", com a finalidade de converter o maior número de gentios ao cristianismo católico por meio da educação. Nesse sentido, os interesses dos jesuítas encontravam-se alinhados aos interesses portugueses. O ensino por eles ministrado visava o controle das consciências, a docilização dos negros da terra, para fazê-los bons cristãos.

Os jesuítas, também chamados de inicianos - por causa do nome do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola -, tiveram autorização para atuar como ordem religiosa pelo papa Paulo III, em 1540. Eles se autodenominavam soldados de Cristo e, inspirados pelo exemplo das Cruzadas Medievais, pretendiam fazer uso da disciplina e estratégia militares para levar a fé cristã para os povos recém-descobertos da América.

A presença jesuíta nas Américas impôs a exigência de se sistematizar as diretrizes educacionais da Companhia de Jesus, que já se dava por meio de práticas difusas. Isso aconteceu em 1599, com a promulgação da *Ratio Studiorum*. Ela concebia o sujeito enquanto folha em branco e defendia que a aprendizagem se daria por meio da memorização. Usava-se muito o teatro como estratégia de aprendizagem, com textos decorados que retratavam as vidas dos santos e

episódios bíblicos. Além disso, o dogma era ensinado por meio de diálogos com perguntas e respostas.

No Brasil, os jesuítas fizeram adaptações: fizeram uso das "linguas gerais" (linguas híbridas, com elementos de idiomas indígenas e latinos, que eram faladas sobretudo pelos colonos e nativos com finalidade comercial. O nheengatu, falado ainda hoje em regiões da Amazônia, é remanescente de uma língua geral.). No litoral, estas línguas possuíam uma maior homogeneidade e aderência ao tronco tupi. Além disso, canções, cujo conteúdo era considerado profano tinham sua letra alterada, para se adaptarem ao conteúdo da evangelização. Os desvios de comportamento ou a não aprendizagem eram exemplarmente punidos, em público, no pelourinho. Nunca os religiosos aplicavam o corretivo, terceirizavam o trabalho para outros colonos.

As Casas de bê-á-bá ou Confrarias de Meninos cunham a proposta evangelizadora do Padre Manoel da Nóbrega, integrante da comitiva que acompanhou Tomé de Souza em 1548, e constituem a gênese das instituições escolares no Brasil. Por meio da alfabetização, pretendia-se a conversão de crianças indígenas e mamelucas. Optou-se por catequizar as crianças porque eram consideradas mais dóceis que os adultos e, na Europa, iniciava-se uma mudança de mentalidade, segundo a qual os "miúdos" eram vistos como puros, a exemplo do menino Jesus. Além disso, os pequenos acabavam se convertendo em veículo de disseminação dos valores dos colonizadores, pois elas repreendiam seus pais e acabavam contribuindo para extinguir quatro hábitos indígenas considerados condenáveis pela igreja: a antropofagia, a poligamia, a pajelança e a nudez.

No entanto, o extermínio da população nativa, os limites da submissão dos índios (que eram nômades e, ao crescer, deixavam de lado o que foi ensinado) e a consolidação da colonização portuguesa fez-se acompanhar da substituição das casas pelos Colégios destinados aos brancos, que passaram a formar a Elite Colonial a serviço do poder e da autoridade. A catequese e a conversão passaram a ser vistas como um problema pelas autoridades portuguesas. Os interesses da Companhia de Jesus passaram a ser vistos como contrapostos aos interesses do Império Português, sobretudo no século XVIII. É o que explica a expulsão dos jesuítas da América Portuguesa, ordenada pelo Marquês de Pombal em 1759.

No segundo capítulo o contato entre religiosos e crianças, indígenas e portuguesas, tem uma Casa de bê-á-bá como ponto de convergência. O contato com o outro, com a diferença, nessa narrativa tem enfatizado seu aspecto dramático. A colonização trouxe a Fé, a Lei e o Rei. Trouxe também a doença e a morte, tanto do corpo quanto de várias civilizações que antecederam a invasão europeia.



## Século XVIII: os enjeitados

**A**dulterio. Pobreza extrema. Orfandade. O abandono de crianças durante o período colonial brasileiro estava, via de regra, associado a um desses elementos. A colônia reproduzia um padrão de comportamento identificado na metrópole. Aqui, como lá, a prática não era carregada de uma condenação moral, mas havia quem se mobilizasse para conter a alta mortalidade de crianças enjeitadas. Isso porque era comum deixar os recém-nascidos largados em matagais, depósitos de detritos, lugares em que sobreviver seria uma grande improbabilidade. Este foi o espaço ocupado pelas Câmaras Municipais e pelas Irmandades da Misericórdias, frequentemente constituídas pelas mesmas pessoas.

As Câmaras Municipais tinham a função de administrar as vilas e cidades por meio das posturas, que visavam tornar as práticas locais compatíveis com as regras gerais do Império Português; além disso, havia a função fiscalizadora sobre as condições da vida urbana: abastecimento de gêneros de subsistência, salubridade e higiene. Os vereadores – em geral, três ou quatro – eram eleitos entre aqueles identificados como homens bons, ou seja, pertencentes à nobreza e distintos o bastante para manifestar sua opinião e pleitear cargos.

Desde o século XV, havia em Portugal as Irmandades da Misericórdia, que, a partir da ideia de elogio da pobreza típico da Idade Média, estimulavam os ricos a exercerem a caridade para ascender aos céus. Para tanto, atendiam aos pobres, aos doentes, aos presos, aos alienados, aos órfãos desamparados, aos inválidos, às viúvas pobres e aos mortos sem caixão. Os mais afortunados auxiliavam os desvalidos, exceto os escravos, que deveriam ser cuidados por seus donos.

As primeiras Misericórdias coloniais foram fundadas ainda no século XVI, sendo a da Bahia a mais antiga. No século XVII, em função sobretudo da busca pelo ouro na região das Minas Gerais, o número chega a vinte e uma irmandades. Os membros eram recrutados geralmente entre os indivíduos mais abastados da sociedade. A manutenção da ampla rede de serviços prestados era mantida com as anuidades pagas pelos irmãos, dos juros sobre os empréstimos concedidos, das rendas de propriedades e de bens herdados (dinheiro, terras e escravos). Era comum também que feições em penitência depositassem esmolas nas rodas (espécie de barris de madeira abertos em um dos lados) que eram instaladas nas Santas Casas. Essas esmolas podiam ser alimentos, remédios, dinheiro ou mensagens.

Mais tarde é que crianças passaram a ser também depositadas nas rodas. Então elas passaram a ser chamadas de “rodas dos expostos” ou “roda dos enjeitados”. A palavra abandono (e suas derivações), tão usual hoje em dia, não existia naquela época.

As primeiras rodas no Brasil foram construídas ainda no século XVIII – na Bahia, em 1726, e Rio de Janeiro, em 1738. A mortalidade entre as crianças expostas era alta por conta da falta de higiene e de alimentos nos abrigos. Por exemplo, em Desterro (atualmente Florianópolis), entre 1828 e 1840, 61% das 367 crianças expostas morreram antes de completar 1 ano. As sobreviventes eram alojadas em famílias que recebiam pagamento da Misericórdia em troca dos cuidados até os sete anos. Depois disso, a criança pagava sua estadia com o trabalho.

A exposição era uma prática urbana e tornou-se um fato cotidiano no Brasil, a partir do século XVIII. Em cidades e vilas que não contavam com uma roda, as crianças eram deixadas nas portas das igrejas. Geralmente, as crianças escravas não eram enjeitadas, seus senhores as vendiam antes disso. Quando acontecia de aparecer um enjeitado negro, era porque se desejava, dessa forma, livrá-lo da escravidão.

Uma sociedade iletrada, era raro que o enjeitado se fizesse acompanhar por algum bilhete. Os registros escritos que sobreviveram ao tempo dão conta de que a preocupação com o batismo era mais importante do que com a sobrevivência.

Os bilhetes fazem referência ao nome do exposto e registram a realização do sacramento batismal. As Misericórdias, assim como as ordens religiosas, priorizavam a execução do rito. Temia-se que, sem sua realização, caso a criança viesse a morrer, ela não alcançaria o paraíso. Como as chances de óbito eram grandes, a preocupação fazia sentido numa sociedade profundamente marcada pela religiosidade católica.

O terceiro capítulo da HQ, mergulha no cotidiano das crianças enjeitadas que foram entregues aos cuidados de famílias coloniais. O estranhamento diante de uma situação então banal resulta do fato de que, diferente daqueles tempos, vemos nossas crianças hoje como uma espécie de propriedade/responsabilidade exclusiva de seus pais, que ficam sob a vigilância e supervisão do Estado e da sociedade. Aquela era uma conformação social em que as crianças pertenciam às suas comunidades, mais do que a seus pais, familiares ou ao Estado.



## Século XIX: infância e escravidão



O século XIX iniciou sob as promessas de inserção da Nação Brasileira, recém-independente, no rol dos países ditos civilizados, entendidos como aqueles que seguiam os padrões europeus de organização social e política. Havia uma Corte, um Imperador, uma Constituição, Museus, Bibliotecas, Escolas Superiores e... escravos. Apesar da grande pressão exercida pela Grã-Bretanha, que via na manutenção do regime escravocrata um atraso do ponto de vista humanitário e econômico, dentro da lógica do nascente capitalismo industrial, o fato é que tanto traficantes quanto latifundiários resistiram o quanto puderam para manter o sistema. Algumas medidas foram tomadas para tentar aplacar a pressão britânica – “coisas para inglês ver” –, como a paulatina proibição do tráfico negro, primeiro em 1831 (sem efeito prático) e depois em 1850, com a lei Euzébio de Queiroz.

Por outro lado, legisladores, ministros, nobres, em sua maioria grandes escravocratas, temiam que por aqui acontecesse algo parecido com o que havia acontecido décadas antes no Haiti: os escravos se organizaram e proclamaram a independência do país, expulsando os colonizadores franceses. O medo do haitianoismo assombrava e motivava algumas concessões como, por exemplo, a permissividade com a qual escravos coravam o Rei do Congo em pleno Município da Corte. Melhor era deixá-los coroar seus reis no folgado a tentar tirar o Imperador do trono.

O movimento abolicionista, emergente a partir da década de 1850, foi um grande protagonista político. Intelectuais e políticos foram engajados, sobretudo por meio da imprensa escrita, a causa da abolição.

Joaquim Nabuco, André Rebouças, Luiz Gama e Castro Alves foram militantes ferrenhos. Articulavam na imprensa e no parlamento, o que efetivamente ensejou conquistas paulatinas, dentre elas a Lei do Ventre Livre, de 1871.

De acordo com essa lei, toda criança nascida de mãe escrava, a partir de 28 de setembro de 1871, nasceria livre. Contudo, a própria lei impunha limites: essa criança, a partir de então dita ingênuo (pois não conheceria as mazelas da escravidão), ficaria sob a tutela do proprietário de sua mãe. Sendo livre, não poderia exercer nenhum tipo de atividade pelo menos até os oito anos de idade. A partir daí, se o proprietário assim o quisesse, poderia manter a criança junto com a mãe até os 21 anos, tendo a prestação de serviços como contrapartida da alimentação e abrigo. Caso contrário, ela seria entregue aos auspícios do Estado mediante uma indenização.

Na prática, menos de um por cento das crianças foi entregue, o que pode ser compreendido como a permanência da condição de escravo, mas também como uma conquista das escravas, já que a retirada das crianças poderia significar mais um motivo de descontentamento e insubordinação. Se a abolição era inevitável, que o fosse num ritmo letárgico e sem grandes rupturas.

É interessante notar que no mesmo momento em que se discute a condição da criança nascida de mãe escrava, se discutia também a infância. Neste período foram publicados vários guias orfanológicos, cuja intenção seria civilizar o país. No caso do discurso sobre a infância, civilizar significa pôr ordem; separar o joio do trigo. No caso das crianças indígenas, a lógica era assimilacionista: nas chamadas casas de educandos artífices, ensinava-se o ofício para que elas fossem integradas e úteis para a sociedade, sendo da mesma forma tratados os órfãos e os ingênuos.

O discurso sobre a infância atribuía a cada criança o seu devido lugar: para as pobres, desvalidas, expostas ou ingênuas caberiam as colônias orfanológicas, asilos e companhias de aprendizes marinheiros, para evitar que se tornassem vadias. Para as herdeiras da República que abria passagem no final do século, os Jardins de Infância e um futuro fulgurante e feliz.

O quarto capítulo de A Infância do Brasil teve sua inspiração num processo criminal acontecido em Uberaba, Minas Gerais, em 1881<sup>1</sup>. Neste registro, testemunha da hesitação em torno da abolição e do protecionismo com o qual as instituições do Estado têm tratado as elites, uma ingênuo chamada Alexandrina denuncia o filho da proprietária de sua mãe por maus-tratos, pois teria sido vítima de agressão por não ter conseguido limpar adequadamente o pátio da casa. Por outro lado, a senhora alega que a menina teria roubado dinheiro. O chefe da polícia registra que a menina teria “sete passo oito anos”, o que não permite saber com exatidão sua idade. Se ela tivesse menos de oito anos, ela não poderia estar trabalhando. Neste caso, desqualifica-se a criança por ser criança, mas também por ser oriunda da escravidão.

<sup>1</sup> Os autos são analisados em SOUZA, Julio César de; OLIVEIRA, Renata S. B. de; DANTAS, Sandra Mara. Cenas de uma vida ingênuo: escravidão e infância em Uberaba (1871-1888). Rev. Hist. UEG – Goiânia, v.1, n.1, p.87-102, jan./jun. 2012.

## Século XX: a Pátria que trabalha e marcha

**A** Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, além de acabar com a chamada República Velha (caracterizada pelo liberalismo no plano econômico, combinada com o coronelismo no plano político), abriu as portas para o que mais tarde ficou conhecida como a Era Vargas, que durou até 1945. Nesses quinze anos, houve uma mudança no perfil econômico do país e mudanças substantivas tanto do ponto de vista da política internacional quanto da política interna. Sob a batuta do Estado, o país industrializou-se, motivado também pela necessidade de substituir importações, já que as indústrias europeia e norte-americana voltaram seus esforços para a produção bélica durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Somado aos setores pioneiros, tais como a tecelagem e a alimentação, um parque industrial de base foi instalado. Assim, foram criadas a Companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce, a Companhia Hidrelétrica de São Francisco, empreendimentos vistos como indutores de uma política de desenvolvimento industrial e econômico, num país que se modernizava e se urbanizava, induzido pelo fim do ciclo do café. O trabalhador urbano emerge como um novo sujeito social que merece atenção. É particularmente desse segmento social que o regime ganha sustentação política, sendo constantemente alimentada por meio de ações efetivas e muita propaganda. No plano da ação, o governo Vargas, além de garantir o acesso ao trabalho por meio da política industrial, implementou medidas intervencionistas que passaram a garantir direitos aos trabalhadores: salário-mínimo, jornada de trabalho, férias remuneradas são exemplos de inovações que transformaram o Estado Brasileiro em um árbitro entre o capital e o trabalho.

Ao mesmo tempo, a legislação que garantiu novos direitos, estabeleceu limites à organização dos trabalhadores. Os sindicatos, para serem reconhecidos, precisavam se submeter a algumas regras, ficando à mercê do Estado.

Operando de forma populista - ou seja, reconhecendo direitos, mas fazendo a população dependente do Estado -, o varguismo acabou por flertar com regimes totalitários, tais como aqueles emergentes na Europa na mesma época. As ações e os discursos remetiam aos "trabalhadores do Brasil", que deviam empenhar-se para fazer o país se desenvolver. Nesse sentido, a celebração do 1º de maio ganhou contornos cívicos, envolvendo grandes festejos e desfiles,

com canções tais como a que se encontra na epígrafe acima. Nas ondas do rádio, exaltavam-se os valores e a cultura nacionais, fosse por meio da programação musical, fosse por meio da "Hora do Brasil", programa diário produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, responsável pela disseminação dos feitos do governo. O samba, tornado produto símbolo da Nação, passou a ser exportado como sinônimo do exotismo brasileiro.

Não demorou muito para que a indústria cultural e a diplomacia dos EUA vissem nessas manifestações uma oportunidade tanto do ponto de vista comercial quanto político. Dentre os esforços empreendidos durante a Segunda Guerra, a chamada Política da Boa Vizinhança visava cooptar os países sul-americanos. Para tanto, além dos argumentos de ordem política e econômica, era necessário conquistar corações e mentes das pessoas comuns, mobilizando para isso a indústria do cinema de Hollywood.

Carmen Miranda foi a principal embaixadora desse Brasil exótico e caloroso. Multiartista, compreendeu como poucos a convergência de talentos exigida pela indústria do cinema. Cantora, dançarina e atriz, fez de si mesma uma personagem.

Walt Disney, em viagem pela América Latina, concebeu algumas animações, como "Alô, Amigos" e "Você já foi à Bahia?". Nelas, são reforçados o exotismo e, sobretudo, a aproximação entre os EUA e os países da América Latina. Isso explica, em parte, a escolha política que o varguismo fez em favor dos Aliados, apesar de seu governo ter contornos fascistas no plano interno. Contudo, enquanto foi possível, a posição brasileira foi neutra no conflito, motivada sobretudo pela necessidade econômica, já que as relações comerciais do Brasil com a Alemanha e os EUA tinham peso equivalente.

O quinto capítulo aborda esse rico período da História do Brasil, captando flagrantes de uma sociedade contraditória, que transita entre o moderno e o arcaico. Uma sociedade que oscila entre a proteção da infância e a sua formação para o trabalho. Que possui um regime que se mostra ditatorial para os seus cidadãos ao mesmo tempo em que se engaja na Segunda Guerra, do lado daqueles que defendiam a democracia. Sem pretender ser didático, o autor prioriza os contrastes entre o labor diário e o encantamento pelo cinema a partir do olhar de uma mãe e seus filhos.



## Século XXI: o novo milênio é uma criança



**O**s primeiros quinze anos do século XXI foram marcados pela tensão entre o avanço do reconhecimento de direitos e liberdades democráticas e a persistência de uma ossatura colonial, escravocrata e elitista. Assim temos, de um lado, uma legislação que reconhece direitos e um conjunto de políticas públicas que buscam sua efetivação, e de outro lado, inúmeras resistências, pois isso tudo tem um custo monetário e social: antigos privilégios passam a constituir direitos e, sendo assim, deixam de ser distintivos sociais.

Em termos reais, o Brasil conseguiu garantir para parcelas significativas da sua população, nos últimos 25 anos, direitos que Estados europeus ditos avançados conquistaram no decorrer dos últimos dois séculos. Vistas sob o prisma da história, a sensível melhoria das taxas de escolarização, de cobertura vacinal, de mortalidade infantil e de alfabetização testemunha os esforços no sentido de que de fato a igualdade seja aqui um dia alcançada. É o que impõe a Lei, é o que clama setores da sociedade civil organizada.

Contudo, há questões que ultrapassam os limites das políticas universais, em tese, implementadas para todos. Os povos tradicionais - indígenas, quilombolas (ou seja, remanescentes de quilombos) - têm se organizado para que as singularidades das suas diferentes formas de vida sejam preservadas. Luta-se por demarcação e regularização dos territórios, pelo direito à educação em idiomas tradicionais, contra a violência cometida por latifundiários. O Brasil contemporâneo é, em suma, um país de grandes contrastes que por vezes se traduzem na manutenção de históricas desigualdades. O tratamento da infância pode ser tomado como um forte indicador desses contrastes. Crianças muito pequenas acompanham seus pais em formas de trabalho informal (coleta de material reciclável, comércio ambulante), mostrando que a creche e a pré-escola ainda faltam para os mais vulneráveis. Outras fazem do cárcere materno o próprio lar. Enquanto isso, em estratos mais abastados, a experiência da procriação tem se transformado em ostentação e

consumo, sendo a criança, muitas vezes, um mero pretexto. Objeto de terceirização, essa criança é uma potência, raramente uma pessoa no presente. Seu futuro deverá ser grandioso, retorno de grandes investimentos em escolas caras, cursos de idiomas, viagens. A receita, considerada infalível, não abre margem para a frustração, todas as vontades são satisfeitas. Mimadas, idolatradas, essas crianças têm a seu dispor uma miríade de profissionais e empregados, mas para muitas faltam os limites aprendidos em família e tão necessários à convivência social.

Por outro lado, emergem grupos que discutem e lutam pelo fim da violência obstétrica, em defesa da humanização do parto, em prol do protagonismo da mulher no momento de parir. Novas perspectivas sobre a infância conduzem a novas condutas sobre o seu cuidado e sobre o papel da família, esta também redefinida em sua composição. Discute-se nesses círculos - ainda restritos, é bem verdade - estratégias para afastar as crianças do consumismo, promovendo hábitos de vida mais colaborativos, bem como ações para a promoção de uma alimentação mais saudável. Esse debate dialoga com outros debates, relativos ao modelo de produção de alimentos, alternativo ao agronegócio, com base na agricultura orgânica e familiar, que dialoga com o modelo de exploração dos recursos naturais.

Não sendo possível saber o que o futuro reserva, é necessário perceber os imensos desafios presentes. O agravamento da crise econômica tem conduzido o país a um crescente corte nos investimentos em políticas sociais de inclusão. Essa pode ser uma rota de retrocesso, reconduzindo e aprofundando as desigualdades, o que tende a ampliar as tensões sociais e a violência. De um lado, os muitos ricos; de outro, aqueles que aspiram (e mimetizam) riqueza e os pobres. Realidade que não difere demais de outras nações ocidentais. O sexto capítulo de *A Infância do Brasil* descorina essa paisagem. Esforço de síntese, a narrativa expõe, chocada, conduz à reflexão. No espelho está a nossa imagem, e ela não tem apenas beleza.



Foto: Eduardo Macario

## José Aguiar

Quadrinista e editor na editora independente Quadrinhofilia ([www.quadrinhofilia.com.br](http://www.quadrinhofilia.com.br)), pela qual publicou as séries *Folheteen* e *Vigor Mortis Comics* e a elogiada graphic novel *Coisas de Adornar Paredes*. Recebeu diversos prêmios, como o Ângelo Agostini e Troféu HQMIX, além de ter sido vencedor do I Concurso Internacional de Quadrinhos do Senac-SP. Publicou também em Portugal, Alemanha e na França, onde desenhou a série *Ernie Adams* e também para a coletânea *Un Jour de Mai*. Fora das páginas, foi curador e cocriador dos premiados eventos culturais *Cena HQ*, projeto de leituras dramáticas de quadrinhos no teatro e também da *Gibicon - Convenção Internacional de Quadrinhos de Curitiba*. Foi ilustrador indicado ao Prêmio Jabuti, pelo seu livro autobiográfico *Reisetagebuch - Uma Viagem Ilustrada pela Alemanha*. Suas tiras de humor *Folheteen* e *Nada Com Coisa Alguma* foram publicadas na revista cultural *Curitiba Apresenta* e no jornal *Gazeta do Povo*.

*A Infância do Brasil* foi sua primeira webcomic, publicada originalmente em [www.a infancia do brasil.com.br](http://www.a infancia do brasil.com.br) entre 2015 e 2016. Foi um projeto realizado pela Quadrinhofilia Produções Artísticas, através do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura da Fundação Cultural de Curitiba, com incentivo da Caixa Econômica Federal. Acesse o site para ler a versão comentada do autor, materiais extras e ter uma nova experiência com esta obra. No site também disponível em inglês, francês e espanhol.

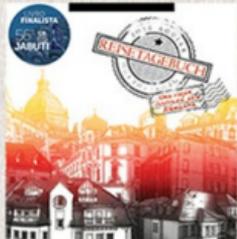


Foto: Len Kostik



No Brasil, ser criança nem sempre foi como é hoje. O que mudou na vida das nossas crianças, se compararmos os relatos de séculos passados com o nosso presente? Em sua nova obra, o premiado quadrinista José Aguiar (Coisas de Adornar Paredes, Nada Com Coisa Alguma, Folheteen) lança seu olhar sobre a História do Brasil não pela perspectiva dos grandes eventos, mas pela das pessoas comuns, pelo viés da infância. O brasileiro de hoje cresceu acostumado com a ideia de que vive num país jovem. Mas, inevitavelmente, o país está crescendo, amadurecendo e deixando sua infância para trás. Chegamos a um ponto em que é importantíssimo olhar retrospectivamente e refletir sobre nossa trajetória para compreender de onde viemos, no que nos tornamos e pensar em nosso futuro como nação. A Infância do Brasil e sobre refletir o presente a partir do nosso passado, para, quem sabe, projetarmos um futuro melhor.

"Uma obra nova e intrigante vinda do Brasil."

Scott McCloud

(Desvendando os Quadrinhos e O Escultor)

"Um espelho interior, retroativo, contemporâneo, incômodo, incontestável. José Aguiar me surpreende a cada novo trabalho."

Marcello Quintanilha  
(Tungstenio e Talco de Vidro)

"Vinjar ao passado, pela mão das crianças e enxerga-las, além dos clichês, nos dias de hoje: esse é o convite que nos faz José Aguiar em mais uma história em quadrinhos simplesmente espetacular!"

Do prefácio de Mary del Priore  
(História da Vida Privada, História das Mulheres no Brasil e O Castelo de Papel)

AVEC  
EDITORA



ISBN 978-85-67901-92-3



9 788567 901923